



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## A atualidade de *O Louco do Cati*, de Dyonélio Machado

Ana Paula Pacheco<sup>1</sup>

### Resumen:

O romance *O louco do Cati* (1941), do escritor brasileiro Dyonélio Machado, traz um aspecto fragmentário, contrário à síntese e à conjunção entre letra e sentido. O enredo descentrado, próximo à superfície das situações, as cenas lacunares, a presença de personagens pouco caracterizadas, a multiplicação de peripécias relativas à dificuldade de seguir em frente, definem um dado estrutural deste romance que se passa logo após a revolta comunista brasileira de 1935. O olhar do Louco “explode o contínuo da história”, vendo por toda parte a imagem do Cati, quartel construído no sul do país após a revolução de 1893, e que funcionou como verdadeiro Subestado, para dar conta de revolucionários *já submetidos*. A comunicação pretende especificar o ponto de vista deste romance, a partir da compreensão benjaminiana da história, mas no contexto da desarticulação da luta revolucionária no Brasil, formalizado por Dyonélio. Isto é, considerando que o ponto de vista do romance (que organiza seus procedimentos técnico-formais) se concentra, significativamente, não no sujeito histórico da transformação, o operariado, mas no olhar do Louco, que cinde existência e história.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## A atualidade de *O Louco do Cati*, de Dyonélio Machado

O Louco do Cati é um personagem sem nome, designado por uma obsessão. Remetendo à falta (do nome, do sujeito), o título do livro assinala a escolha de uma perspectiva sobre a matéria narrada e sobre a história brasileira.

Como se trata de um livro menos conhecido de Dyonélio, vou lembrar brevemente o enredo, embora esta seja uma tarefa difícil, vocês já verão por quê.

Em dezembro de 1935, um grupo de amigos sai de Porto Alegre em excursão até o mar. A data da partida vem enunciada no segundo romance da tetralogia de Dyonélio Machado, *Desolação*, no qual se vê até certo ponto a mesma excursão. A viagem de Norberto e do Louco, que se separam do grupo a certa altura, deveria ser breve (voltariam no mesmo dia ou no dia seguinte) mas durará até o final de 1938 ou começo de 1939, conforme se pode deduzir da fala de um personagem que comenta, no calor da hora, a resistência de Madrid a Franco, durante a Guerra Civil Espanhola.

Desde a partida para a praia, um tipo de chapéu e colete junta-se ao grupo a convite de Norberto, que dava a “direção intelectual” da viagem. Sem recursos, o homem estranho, quase mudo, com a face descarnada, “de cão”, é um “peso morto”. Presente e ausente, ele pertence à violência de um passado que não passou, e vê nos fatos à sua volta o fantasma do Cati. Simultaneamente, mas por causa da opressão política contemporânea, a viagem curta, divertida, de prazer, vai se complicando e logo se transforma em *fuga*. Com medo do controle policial num trecho da estrada, Norberto separa-se dos demais a certa altura, junto com o Louco. Logo são detidos e levados a delegacias, porão de navio, cárceres. Da perspectiva do delegado talvez sejam um tesouro, a ser remetido ao lugar certo, qualquer parte onde a captura pudesse ser valorizada. Depois de muito périplo carcerário, encontram-se finalmente soltos no Rio de Janeiro e Norberto encarrega-se de mandar o maluco de volta à sua cidade, trânsito que também não se dá sem interrupções, desvios por terra e água, apreensão constante. Atemorizado pelas cenas que presenciou na infância, quando os homens do Cati atuavam violentamente, o personagem segue ao encontro das ruínas daquele quartel, aonde chega no último capítulo da longa viagem.

A paráfrase trai a experiência de leitura deste livro pq. tenta recuperar a coesão do enredo, que entretanto é fragmentário e lacunar. Pois se há fatos sendo narrados – o passeio impedido por sucessivos problemas práticos; o controle policial; as detenções



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

arbitrárias; a estadia no Rio de Janeiro; a viagem de volta, trecho por trecho, sob novas dificuldades –, há no enredo um aspecto difuso, contrário à síntese e à conjugação entre letra e sentido. Um descentramento que faz, boa parte do tempo, a história *passar* pelos nossos olhos. O que pretendo especificar aqui é o sentido particular que esse descentramento adquire, como formalização do ponto de vista nesse livro, uma vez que ele dá forma a uma apreensão da matéria sócio-histórica brasileira pelo Louco.

Durante a leitura de *O louco do Cati*, nos damos conta de que o \*caráter fragmentário *define* a *estrutura* do livro (portanto, dado da forma, a interpretar): o enredo superficial, i. é, próximo à superfície das situações, as inúmeras cenas lacunares, a presença de personagens pouco caracterizadas, a multiplicação de peripécias relativas à dificuldade de seguir em frente (problemas com a caminhonete<sup>2</sup>, com as estradas, com a hospedagem, com a polícia política, com outros meios de transporte, com passagens, com o mau tempo etc. etc.), definem um dado estrutural deste romance. Esse caráter fragmentário tem a ver com o descentramento do ponto de vista, e o leitor logo nota que há um fundo, um quadro contemporâneo no qual as pers. se movimentam, contra o qual nenhum ato consegue ser significativo ou nenhuma significação vai além do imediato. Também os indivíduos não chegam a ter contornos claros, uma vez que são entrevistados no meio de tudo, correndo, buscando ajuda, escondendo-se, escapando. Entre Norberto e alguns personagens que o auxiliam de um modo ou de outro, há uma causa maior, política, que não chega a aparecer, sendo, também ela, apenas entrevista Novo descentramento.

O livro, como vocês devem saber, foi escrito em 1941 em condições adversas – na verdade ditado à mulher e à filha quando Dyonélio se encontrava na cama, acometido pela depressão e por outros problemas de saúde decorrentes das várias prisões políticas que ele sofreu. No entanto, penso que o caráter fragmentário desse livro diz menos respeito às circunstâncias que envolveram a escrita do romance do que à forma entendida como testemunho e *leitura* das circunstâncias [portanto no campo oposto ao do esteticismo estéril vigente naqueles anos de 1940, assim como da direção

---

<sup>2</sup> A velha caminhonete Ford, emprestada da oficina onde trabalha um dos excursionistas, traz uma borboleta de porcelana nos favos do motor. A insígnia e o apelido carinhoso compõem com o espírito “flanador” do passeio de carro, e passa a ter conotação irônica, de um vôo logo de cara impedido pelas condições da máquina (um “calhambeque”) e das estradas brasileiras. Não há dúvida de que a narrativa põe em movimento algumas das ideologias de nossa modernização, caras ao populismo.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

cultural dogmática, encampada pelo PCB]<sup>3</sup>. Digamos, numa primeira formulação do problema, que enlace entre caráter fragmentário (das cenas e do enredo), sintaxe dificultosa, terror cotidiano e loucura trabalha tensionando os materiais históricos reelaborados. Isto é, a precariedade aparente da composição, devido à qual o livro “não flui”, seria defeito se não fosse uma regra formal, atinente à matéria, a saber, o clima opressivo e a violência posteriores à revolta comunista brasileira, de 1935. O olhar do Louco se mostra um pouco estranho a tudo e no entanto obsessivamente atento ao que espreita “por trás” de tudo.

Desde o início, quando a viagem ainda é passeio, todas as energias e todo tempo são empregados para resolver os entraves ao “caminho livre”, repostos a cada passo. O andamento já é uma primeira imagem para a alienação, pois não são os obstáculos e as dificuldades pontuais que impedem a liberdade.

Os caminhos impedidos, o vai-e-vem sem rumo ou saída à vista, formam o horizonte dos personagens. Vale ressaltar, se ainda não ficou claro, que as personagens se ocupam todo o tempo com problemas imediatos, que não param de se repor. O livro insiste nisso e as dificuldades com o percurso só cessam quando, após serem jogados de cá para lá por policiais e delegados, chegam a uma Casa de Detenção (em vez de caminhos impedidos, paredes.)

O modo de construir o espaço e o enredo tem, portanto, correspondência na matéria contemporânea opressiva – alegorizando-a –, assim como a via de acesso a ela é a escrita intrincada, o não-dito das cenas. Um trecho do capítulo “Contratempos” indica algo mais: *a relação entre precariedade, caminho impedido (obstáculo, vigilância, violência) e a modernização daqueles anos Vargas*, ali visível numa nova estrada, cheia de partes intransitáveis e finalmente interrompida. A obra, “muito esperada”, pelos que têm automóveis, seria “definitiva”, mas desemboca em lugar nenhum.

“Andava-se a construir a ligação com a costa do mar. Estrada muito esperada. Obra definitiva.

---

<sup>3</sup> A escolha formal de Dyonélio Machado situa-se no campo oposto ao do esteticismo estéril vigente naqueles anos de 1940, assim como da direção cultural dogmática, encampada pelo PCB. Veja-se a primeira parte do livro de Vagner Camilo, “Entre o esteticismo estéril e o dogmatismo partidário”, in: *Drummond – Da rosa do povo à rosa das trevas* –, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Ao ousar uma interpretação alegórica do momento que sucedeu a Revolta Comunista (e dos anos que precederam o Estado Novo), o escritor não foi bem visto pelo PCB. Cf. Dyonélio Machado, *O cheiro da coisa viva* (introdução, seleção e notas: Zenilda Grawunder), Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 1995.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

O homem da bomba abanou a cabeça numa informação céptica.

- Até onde se vai?

A falar a verdade não ‘se ia’ a parte alguma. A estrada era construída aos trechos. Entre uns e outros, grandes espaços intransitáveis – o arcabouço desnudado do leito, constituído de seixos agudos (um veneno para qualquer pneu), os desvios de emergência”<sup>4</sup>.

Outras imagens sugerem a mesma regra da modernização brasileira.

Se os trajetos falam sobre o país em dezembro de 1935, e em escala maior, sobre o quadro da modernização Getúlio Vargas, o enredo nos mostra um militante de esquerda nesses caminhos – Norberto é um militante procurado pela polícia, a qual segue sua pista até capturá-lo, fato revelado ao leitor somente no momento da captura<sup>5</sup>. Atento a cada problema imediato do trajeto, como vimos, Norberto segue em frente praticamente sem dar com o todo. Dentro da chave alegórica sugerida pelo arranjo entre a estrutura desse romance e sua matéria, o que pensar da “excursão” em pleno dezembro de 1935, onde o passeio de carro (ou de *Borboleta*, este é o apelido da caminhonete), no cenário da modernização GV, é capitaneado por um homem de esquerda? Ou, como se dão no livro as articulações entre passeio de carro, modernização e alienação? (Dyonélio tinha em vista a desarticulação política da esquerda após o Levante de 1935 e o surgimento do Estado Novo em 37 – ele faz o livro, como vimos, em 1941. Diga-se de passagem que a publicação não foi bem vista pelo PCB.)

Os dias passam sem o almejado divertimento e sem que nenhuma luta se organize em resposta à opressão política; aos poucos, esta domina tudo. Entretanto, desde o início, o Louco não “relaxa”. Aderindo ao ponto de vista da personagem, o livro explora a reversão de todo livre trânsito em seu contrário, dando literalidade ao duplo

<sup>4</sup> Cf. Dyonélio Machado, *O Louco do Cati*, São Paulo, Ed. Planeta, 2003, 5ª ed, p. 21. A partir de agora citado como *LC*.

<sup>5</sup> “Norberto Molina” é, aliás, um codinome, como se vê na p. 64. A perseguição da polícia não é mostrada nas cenas, também a militância da personagem não aparece; aliás, mal sabemos dela antes de a polícia prendê-lo, ficando apenas sugerida pela ambiguidade de seu comportamento (veraneio/fuga.) A atividade política de Norberto será até o final apenas sugerida: pelas articulações e contatos que lhe devolvem a “liberdade”, assim como a seu amigo, o Louco; pela remissão a uma estadia no Rio da Prata e a um grupo de companheiros. Tudo aludido por alto. Ou seja, a atividade política não é vista nas cenas, tampouco descrita em sumário, o que vem à tona, no arranjo formal, é um trança-trança sem rumo certo, uma atenção aos problemas imediatos, o que parece indicar a desarticulação da esquerda brasileira após o Levante.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

sentido da palavra “distração” (divertimento/descuido, inadvertência) e ao perigo que espreita os desavisados. Das dificuldades que vão minando a ideia de um trajeto simples, curto, alegre, à fuga propriamente dita, há um traço de contiguidade, uma mudança de ênfase apenas. E no meio do agito está ele, preso ao mesmo ponto onde quer que vá. Afinal nos damos conta de que seus delírios persecutórios guardam uma verdade presente, pois não demoram a vir o controle policial, a suspeita incriminatória, as detenções sem culpa formalizada.

Durante as 249 páginas em que transcorre a narrativa, o Louco quase não fala, exceto pelo bordão que se sobrepõe aos acontecimentos em curso, cujo significado passa a remeter à continuidade da violência: “– Isto! É o Cati!”, “– O Cati! O Cati!” Localizado entre os municípios de Quaraí e Livramento, no interior do Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai, o quartel do Cati foi construído para abrigar forças governistas *após o término* da Revolução de 1893. Ou seja, quando as forças republicanas já haviam vencido as federalistas, o Governo (que apoiara as primeiras, tomando o lado de Júlio de Castilhos) permite a criação de um verdadeiro Subestado para dar conta de revolucionários *já vencidos*. O banditismo legal, estabelecido pelo Governo, ficou famoso pelas atrocidades cometidas em seu interior, principalmente as degolas. A “limpeza”, assinala o narrador do romance, “se consolidou, se prolongou. Tornou-se coisa regular”, amedrontando a população.

O ângulo pelo qual o livro estuda a violência rotinizada é o da subjetividade constituída por ela, a ponto de, sem um “eu” autônomo, atender pelo nome do trauma (o Louco *do* Cati, Seu Cati etc.. Quando menino a personagem presenciou violências dos homens do Cati, que ameaçavam inclusive seu pai e amigos dele.) Esse fundo sem fundo (o trauma) guarda uma dimensão de acesso à objetividade exterior, mas de tal maneira que em vez da síntese momentânea entre existência e história, temos a exposição da fratura<sup>6</sup>. No caso, a fratura está dada pela cisão entre “eu” e mundo (uma totalidade inconcebível) mas também pela cisão entre o passado e o presente, que, separados da ideia de fluxo, de processo, de mudança, deixam de elucidar um ao outro e

---

<sup>6</sup> “Como analisar a parte como parte quando o todo não somente não é mais visível mas mesmo inconcebível? Como continuar a usar os termos sujeito e objeto como opostos que pressupõem, para que sejam significativos, alguma síntese possível...?” Embora formuladas em contexto diverso, me parece possível tirar proveito dessas questões para a interpretação do romance de Dyonélio Machado, atentando-se, é claro, para a especificidade do olhar cindido, esquizóide, que dá a perspectiva dele. Cf. Frederic Jameson, *Marxismo e forma*, trad. Iumna Maria Simon, Ismail Xavier, Fernando Oliboni, São Paulo, HUCITEC, 1985, p. 45.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

passam a se sobrepor. Ou melhor, só elucidam um ao outro na medida em que se sobrepõem (como continuidade da violência, pública, contra os vencidos).

Nesse sentido, é patente a ausência de tempos propriamente diferenciados na temporalidade dessa existência individual (do Louco), embora a narrativa convoque tempos diversos. O olhar infantil traz, repetidamente, o espectro do Cati:

“O que é que eles vão fazer com o homem, mãe?

– Psiu! Vão matar ele lá no Cati...”<sup>7</sup>

Muitas vezes sem a mediação do narrador, e enquanto se desenrolam as ações no presente, as cenas da infância retornam repondo o passado.

“Uma vez, o pai ainda vivia. Estava conversando com amigos lá dentro, na varanda. Toda a família se achava reunida ali. Conversa séria. Parece que era coisa de queixas, de casos que não estavam certos, de injustiças. Num dado momento porém a palestra subitamente se suspendeu! Um deles saiu pé ante pé. Foi até a porta da rua, espiou. Voltou tranquilizado: podia-se continuar.

‘– O que é que o tio Cuta foi ver na porta da rua, mãe?’

‘Psiu! Um menino não fala nessas coisas.’

‘– Que coisas, mãe?’

‘Cala a boca: o Cati!’”<sup>8</sup>

Por outro lado, quando surge no livro uma visão mais distanciada do passado – que de resto não ocupa no conjunto senão um lugar incidental, menor –, o distanciamento é tamanho que o conhecimento dos fatos vira outra coisa. Exceto por Norberto, as personagens ignoram a história do país mesmo em seus episódios mais próximos, e se relacionam com o que sabem de maneira caprichosa ou anedótica. Veja-se o trecho seguinte:

“Aquele ali já tinha ouvido falar no Cati – Claro! – E a voz de Norberto exprimia quase desdém. – Quem é que não conhece o Cati?

- Sim... – Seu Ricardo meio que encabulou. – Conheço, lógico, o Cati. O João Francisco...

<sup>7</sup> LC, p. 29.

<sup>8</sup> LC, p. 33-34. As fugas do Louco, rumo a lugar nenhum, são perpassadas por várias cenas da sua infância. Vejam-se os capítulos “O Cati” e “O Cati (continuação).”



Maneco não sabia exatamente o que era o Cati, mas em compensação conhecia bem esse João Francisco.

- A sua fama ultrapassou o Rio Grande. – Norberto animou-se: – No próprio Rio da Prata.... (...) Um caudilho perigoso. Cabeleira de gaúcho.

Mas um deles quis saber por que é que o governo consentia na existência de uma fera dessas...

- ‘Hiena do Cati’. – O Seu Ricardo ficou satisfeito com a sua interrupção.

- Por que consentia?... Mas se não fosse ele, seria qualquer um outro. O homem não tinha importância”<sup>9</sup>.

Das ambiguidades geradas pela violência pública, nem mesmo Norberto parece estar livre. Força e barbárie, lenda e formação histórica violenta, confundem-se na figura do caudilho perigoso, a Hiena do Cati. Norberto observa: “uma legenda, real, verdadeira, de sangue, de morte, de terror feudal” fez os habitantes da região ficarem “um pouco célebres, respeitados, admirados...”<sup>10</sup>

Para o Louco, a violência do Cati está em toda parte – “o demônio conhecidíssimo da sua infância”<sup>11</sup>, por isso *o passado*, numa das imagens iniciais do livro, está *colado à sua frente*, é um ponto que ele tenta em vão apagar. “O passageiro do bonde ocupou o seu lugar e se pôs a *apagar* um ponto à sua frente com um olhar *sem conteúdo*”<sup>12</sup>. Dito de outro modo, o Louco vive a história como trauma – que cinde a temporalidade, tornando *especulares* as percepções do passado e do presente. Cada ato violento é parte de um *todo indiscernível, fixado numa imagem. Assim, na percepção subjetiva do mundo, temos uma ruína da história*<sup>13</sup>. É nesse ponto de vista que a narração funda a sua verdade, dando alcance maior à “mania” do Louco, de ver em tudo o Cati. Embora tecnicamente em 3ª pessoa, o ângulo narrativo revela-se cada vez mais próximo ao dele e afinal pode ser relido como o seu desde o início. Quer dizer, se há cenas em que ele é visto pelos outros (como estranho, curioso, doente), assim como há cenas em que vemos Norberto tentando cuidar dele e mobilizando outras pessoas nesse

<sup>9</sup> LC, p. 29-30.

<sup>10</sup> LC, p. 31.

<sup>11</sup> LC, p. 255.

<sup>12</sup> LC, p. 13, primeiro grifo, do autor; segundo, meu.

<sup>13</sup> Não me parece casual, veremos adiante, o fato do personagem avistar as *ruínas* do Cati no final da narrativa.





Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

sentido (temos então, obviamente, a visão de terceiros), *o ângulo que dá significação às técnicas empregadas pela narrativa é sempre o do Louco*. Vemos de fora as cenas, ou tão por dentro a ponto de não enxergarmos senão uma multiplicidade de detalhes; compreendemos mal a conexão entre elas, ouvimos confusamente a sintaxe entrecortada da fala das personagens, as orações interrompidas no meio; somos insistentemente lançados em cenas e diálogos *in medias res*, levados a pegar o bonde andando em todas as situações. De tal maneira que estamos ali, no meio de tudo, e ali não estamos, assim como o protagonista.

Para fechar esta fala, voltemos então ao ponto de vista do romance para perguntar como ele recupera uma percepção realista do mundo, descrito como absolutamente estranho ou excentricamente próximo. *O que o ponto de vista descentrado, cindido, do Louco, significa no âmbito da forma, isto é, dos conteúdos sociais sedimentados?*

Ao que tudo indica, o ponto de vista do Louco significa uma experiência da realidade e da história, pautada pela dissociação e pela assintonia. Em alguma medida, com a mania de perseguição, ele expressa as injunções de um sistema de vigilância e ignomínias que se repôs historicamente, *mas sob novas circunstâncias – que a quebra das continuidades temporais, e portanto a supressão das diferenças entre passado e presente, não deixa ver*. Daí também sua sobrecarga afetiva, pois cada momento, ilimitado, indiferenciado, traz consigo *toda a violência*, de maneira *assoberbante*. Em curso no livro há, portanto, um modo propriamente esquizofrênico de perceber o que se passa à volta, uma “visão indiferenciada do mundo no presente”, dada pelo olhar do Louco<sup>14</sup>, e que adquire sentido crítico, no âmbito da composição, remetendo a uma impossibilidade de tomarmos posse da história. O significante se separou do sentido (o passado não é passado, tampouco o presente é presente), tornando-se imagem. Regido pelos fatos misteriosos e sinistros da infância, o Louco vive sem trégua a reposição dessa imagem. Onipresente, a violência no livro é constitutiva da esfera pública, o que a visão, ou as alucinações do Louco revelam, transformando todo espaço em cárcere

---

<sup>14</sup> O conceito de esquizofrenia, com vistas ao material literário, foi retomado por Frederic Jameson, pensando no contexto da chamada pós-modernidade. A expressão entre aspas é sua. Cf. “Pos-modernidade e sociedade de consumo”, trad. Vinícius Dantas, in *Novos Estudos – Cebrap*, São Paulo, nº 12, p. 16-26, jun. 1985.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

potencial. Este é o contraponto trazido pelo maluco à outra alienação, encontrada em cada passo dos que o guiam, girando em círculos.

Nesse sentido – da continuidade da violência contra os párias e os que se opõem – o Louco vê a história como catástrofe única, que entretanto não pode apreender.<sup>15</sup> O que significa um mundo *centrado* nesse olhar?

Situado em pleno dezembro de 1935, não parece casual que o romance de Dyonélio Machado se concentre nesse olhar, para o qual o mundo se tornou uma *imagem traumática*. De algum modo, o Louco nos dá a medida do esvaziamento da luta revolucionária, da sua desarticulação. Vista por esse ângulo, a história brasileira (ainda) não se distingue do trauma.

Entretanto a narrativa de Dyonélio não pára por aí. No final, levado por um cão – desde o início uma imagem sua e que agora *sai de si* (para guiá-lo)<sup>16</sup> –, o Louco chega ao lugar objetivo do trauma, o quartel do Cati. Nas ruínas do quartel, o espaço atesta a passagem do tempo. Ao contrário da temporalidade indiferenciada que vigora por toda a narrativa e retorna, ainda uma vez, no mito do lobisomen – uma metamorfose do Louco antes de separar-se definitivamente do cão –, *o passado pode ser visto na imagem exterior da ruína, do que passou e ainda se apresenta aos olhos*. A separação entre homem e cão, entre passado e presente, sem que um deixe de carregar o peso do outro, *parece apontar para o surgimento da consciência histórica*<sup>17</sup>. O Louco pode reencontrar o presente a partir do momento em que enxerga diante de si (e não tenta “apagar”) as ruínas do quartel.

<sup>15</sup> Esse modo de encarar a história me pareceu próximo ao de Benjamin, particularmente na Tese IX; contudo, o contexto de desarticulação da luta revolucionária no Brasil inverte seu sentido. No contexto europeu, como se sabe, Benjamin sonha a possibilidade de que o operariado tome posse da história, e que a Revolução faça o que o Anjo é impotente para realizar: “demorar-se, despertar os mortos e juntar os destroços.” Olhar o passado é ali possibilitar essa inversão do sentido da história (a vitória sempre reposta dos dominantes), no lampejo que volta para que a luta do presente possa redimir a luta de todos os vencidos. Dyonélio se fixa num olhar – não o do sujeito histórico da transformação, mas o do Louco – marcado por uma dor profunda e inconsolável, que todavia, sem o contexto revolucionário (juntamente com a imagem de caminhos fechados e cegos, após novembro de 1935), cinde existência e história. Como vimos, no romance de Dyonélio a história aparece como sendo inseparável do próprio sujeito, que não consegue apreendê-la, tampouco enxergar o presente. Cf. Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história”, in: *Obras escolhidas, volume 1 – magia e técnica, arte e política*, São Paulo, Brasiliense, 1993, 6ª ed., p. 222–232.

<sup>16</sup> Veja-se todo o antepenúltimo capítulo, intitulado “Famosa aventura do homem que vai levado por um cachorro”, em que o Louco foge de um lobo-cão-noite, no qual depois se metamorfoseia, tornando-se lobisomen. O lobo, atrás de si, aponta para frente (“um chamado”), para a superação do trauma. O Louco então decide ir até as ruínas do quartel do Cati.

<sup>17</sup> Cf. Paulo Arantes, “A prosa da história”, in: *Hegel – a ordem do tempo*, São Paulo, Ed. Polis, 1981, p. 147-167.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

“O homem-cachorro de ainda um instante quase não acreditava! Mas afugentara a assombração num relâmpago, para sempre!... Queria, dali donde estava, defronte do sol, queria – era poder estender umas mãos vingativas de gigante, para sentir nos próprios dedos frisados de luz o esfarelar do pó do Cati, do Cati que se esboroava – lentamente, através *esses* anos, numa serenidade melancólica de coisa morta, que apenas vive a vida ultrajada de espectro...

Mas sorria...

Sorria, na antevisão até dum descanso, na estrada...”<sup>18</sup>.

Na última oração do livro, também o narrador parece separar-se de sua matéria narrativa, para ver, pela primeira vez, o tempo presente que volta a existir e a se mover, não mais em círculos. Olhando para o Louco, ele então observa: “Agora, é que se via o quanto ainda era moço...”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *LC*, p. 259, grifo do autor.

<sup>19</sup> *LC*, p. 259. Ficam sugeridas as ambiguidades autorais dessa percepção idílica do retorno ao presente.